



MARCHA CONTRA A CORRUPÇÃO, EM 2005: OS CAPIXABAS PROTESTARAM CONTRA O MENSALÃO. A CUT NÃO PARTICIPOU

Diga SIM à desfiliação da CUT

A proposta de desfiliação do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo da CUT segue a tendência das entidades que querem uma central livre, autônoma e independente, capaz de organizar a classe trabalhadora em suas lutas gerais para a construção de um novo mundo, justo e igualitário.

Criada em 1983, a CUT cumpriu um importante papel na organização e defesa dos trabalhadores brasileiros. Infelizmente, a CUT não cumpre mais esse papel. Se, no momento da sua fundação, a CUT representava o "novo sindicalismo", que tinha como alguns dos seus princípios a autonomia e a independência, hoje a Central não faz mais as lutas que interessam aos trabalhadores.

O processo de degeneração dos princípios que nortearam a fundação da CUT foi se intensificando ao longo dos anos, com aprofundamento a partir da eleição do presidente Lula. Diante da chegada ao poder de um ex-operário e ex-sindicalista que esteve à frente de muitas das lutas dos trabalhadores brasileiros organizados pela CUT, muitos dos dirigentes sindicais passaram a ocupar espaços governamentais e não houve a necessária distinção entre o papel da Central e o papel do Governo.

As correntes minoritárias no interior da Central fizeram o debate interno, tentando recolocar a CUT no

seu caminho de origem, mas esse movimento não teve sucesso e começaram, então, as dissidências. Entidades sindicais combativas, inclusive onze sindicatos de bancários, abriram o debate com seus filiados e decidiram sair da CUT e construir novas alternativas.

Não se deixe enganar

Ao contrário do que pregam os defensores da permanência na CUT, a desfiliação não deixará os bancários capixabas no isolamento. Vários sindicatos de bancários já decidiram pela desfiliação. Isso nada tem a ver com as campanhas salariais.

O nosso Sindicato tem assento no Comando Nacional representando a Intersindical Bancária. Nas últimas campanhas salariais, o Sindicato fez alianças no âmbito do Comando para lutar pelos reais interesses dos trabalhadores bancários. Isso não vai mudar. Além disso, as conquistas da categoria são resultado das mobilizações e greves. A filiação a uma central sindical fortalece as lutas dos trabalhadores, mas não interfere diretamente nas negociações e contratações coletivas.



“Vi a CUT se afastar do ideal de autonomia”

RITA LIMA - BANCÁRIA DA CEF E DIRETORA DO SINDICATO

Desde 1985, quando iniciei minha militância no movimento sindical, vocês se acostumaram a me ver vestindo uma camiseta da CUT ou empunhando uma de suas bandeiras. Posso dizer que minha história política se confunde com a história da CUT. Fiz parte da diretoria Executiva da CUT Estadual e da Nacional. Participei da sua construção; vi a CUT tornar-se a maior central sindical da América Latina e um importante instrumento da classe trabalhadora brasileira. Mas presenciei também seu afastamento dos ideais de democracia, de autonomia, de independência de governos e patrões.

Durante quase duas décadas, lutamos internamente para não permitir que a CUT cedesse aos encantos da participação em pactos sociais, em mesas tripartites que rifassem os direitos de traba-

lhadores/as (como a Reforma da Previdência e a Reforma Sindical, por exemplo). Tentamos incansavelmente impedir que a CUT se tornasse exclusividade apenas de um pensamento político, uma vez que uma de suas principais riquezas era sua pluralidade. O que vimos, na última década, foi a prevalência do monolitismo político e a intolerância ao diálogo quando havia divergências.

Sem oxigênio, o que restou às demais forças políticas que compunham a CUT foi procurar construir outras experiências sindicais, nas quais pudessem exercitar os ideais que em 1983 fundaram a CUT. Assim, em 2004, os companheiros/as da Convergência Socialista fundaram a Conlutas. Em 2005, vários/as militantes sindicais (entre os/as quais me incluo), ainda sem sair da CUT, organizam a Intersindical, para encaminhar

as lutas que para a CUT já não faziam mais sentido. Em 2007, foi a vez dos companheiros/as da Corrente Sindical Classista fundarem a CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil).

Vocês nos conhecem há muito tempo e sabem que jamais fomos inconsequentes quando estão em jogo os interesses de trabalhadores/as, em especial, a categoria. É com essa mesma responsabilidade que hoje defendo a desfiliação do Sindicato da CUT, por acreditar que pertencer a uma organização só faz sentido quando esta não concilia com o rebaixamento dos nossos direitos e nem vacila quando a luta se faz imperativa.

Continuaremos lutando juntos com todos/as os/as bancários/as do Brasil na defesa dos nossos direitos, pela melhoria de condições de trabalho e por salários dignos.



“Não podemos titubear na defesa intransigente dos interesses da categoria”

IDELMAR CASAGRANDE - BANCÁRIO DO ITAÚ-UNIBANCO, DIRETOR DO SINDICATO E REPRESENTANTE DO ES NO COMANDO NACIONAL DOS BANCÁRIOS

O Comando Nacional dos Bancários é um espaço que congrega todas as forças políticas que existem na categoria e que se propõem a construir a campanha unificada dos bancários. O nosso Sindicato tem assento no Comando e representamos a Intersindical Bancária na mesa de negociação. Isso não vai mudar!

Vamos continuar lutando para construir uma mesa única com mesas específicas pra valer. Nossa crítica é exatamente nesse ponto. A relação da maioria da CUT com o Governo procura fre-

ar as reivindicações da categoria. No momento das negociações, essa maioria titubeia em ser representante dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, servir aos governos e ao partido.

Nesses últimos anos, articulamos dentro do Comando um campo com representantes de vários estados, como Bahia, Sergipe, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, e da cidade de Santos (SP) para barrar algumas

propostas vergonhosas da maioria. Em muitas ocasiões, conseguimos o apoio até de sindicatos que compõem o campo majori-

tário. Além disso, articulamos ações com sindicatos que estão fora do Comando como Maranhão, Rio Grande do Norte e Bauru.

Os representantes dos bancários não podem amolecer na defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores. Para garantir isso é necessário que tenhamos um movimento sindical independente e autônomo com relação a governos, partidos e, principalmente, patrões.



“É preciso lutar contra esse conformismo instalado”



GORETTI BARONE - BANCÁRIA DO BANCO DO BRASIL E DIRETORA DO SINDICATO

Uma central sindical tem por missão defender os interesses dos trabalhadores, zelar e garantir os seus direitos e fortalecer a unidade da classe. Na década de 80, quando comecei a participar ativamente do movimento sindical, fui compreendendo a importância de uma central sindical e me identifiquei com os princípios cutistas. Fazia sua defesa com veemência. Mas a história é dinâmica.

No final da década de 90 e início do Século XXI, comecei a perceber que a CUT se desviava dos princípios que nortearam sua criação: defesa intransigente da classe trabalhadora, priorizando a sua

formação e organização de base.

Daí em diante, as formas de negociação, priorizando reuniões de cúpula, sem organizar os trabalhadores, sem ocupar as ruas; o não investimento na formação dos trabalhadores; a centralização de poder; o distanciamento da base e das questões sociais foram fatores que contribuíram para me convencer de que é necessário sair da CUT, se desvincular desse processo de naturalização das sutilezas cruéis que o capital tem disseminado na classe trabalhadora. É preciso lutar contra esse conformismo instalado e construir novos caminhos.

“A CUT tem se calado”

CARLOS PEREIRA DE ARAÚJO (CARLÃO)
BANCÁRIO DO ITAÚ-UNIBANCO E DIRETOR DO SINDICATO

Nas eleições do Sindicato dos Bancários de 1988, participei a chapa Força Garra Sempre, a convite do companheiro Paulo Pinto, do Banco do Brasil, que era o candidato a presidente. Nesse período, nosso Sindicato não era filiado a nenhuma central sindical. No entanto, o nosso grupo era pró-CUT. Tínhamos, à época, concordância com o programa da Central, cujo objetivo estratégico era a defesa intransigente da classe trabalhadora, com a perspectiva da construção do socialismo sob a ótica dos trabalhadores.

Dentre os seus princípios primordiais estavam a autonomia e a independência frente a governos, partidos e patrões.

Na era Lula, os principais dirigentes da CUT passaram a ser ministros e a ocupar outros cargos nos governos Federal, estaduais e municipais, infelizmente perdendo totalmente sua autonomia e independência.

Sem resistência da CUT, o Governo Lula e o Congresso Nacional fizeram a segunda Reforma da Previdência, que prejudicou ainda mais os servidores públicos, com a extensão do tempo de con-



tribuição para aposentadoria e a instituição de contribuição de 11% para o aposentado que ganha mais de dois mil e quinhentos reais. A CUT parou de pressionar o Governo Federal para fazer a reforma agrária; abandonou a luta por uma reforma tributária para desonerar os trabalhadores, que pagam alíquota absurda na fonte.

No Espírito Santo, a CUT também

deixou de lado lutas importantes da sociedade capixaba para blindar o Governo Paulo Hartung, apoiado por integrantes da base de Lula.

A CUT tem se calado diante de tudo isso. Para nós, governo é governo, sindicalismo tem que ser classista e independente. Defendo a desfiliação do nosso Sindicato da CUT devido à falta de autonomia da Central frente aos governos.

“Queremos integrar uma central que resgate os valores abandonados pela CUT”

BERNADETH MARTINS - BANCÁRIA DA CEF E DIRETORA DO SINDICATO

A CUT não é mais a central que ajudamos a construir. Dois dos princípios básicos que constam do Estatuto da CUT é a autonomia e a independência em relação a empresas, partidos e governos. Entretanto, desde a posse do presidente Lula, a CUT vem rompendo com seus próprios princípios, se confundindo com o governo em muitas de suas políticas.

Não é por acaso que a maior parte dos sindicatos que têm sua base sindical vinculadas aos funcionários públicos e às estatais vem se desfiliação da CUT ao longo dos últimos anos. Nesse período, é bom lembrar, foi criada mais uma nova central - a CTB. Também foram construídos dois novos movimentos pró-criação de novas centrais: a Conlutas e a Intersindical, que pretendem integrar-se para a criação de uma nova central. Esses movimentos apostam na luta viva e concreta da classe trabalhadora.

O movimento cutista se diferenciou muito de nós no modo de lutar. Como esses companheiros cutistas não têm in-



teresse no confronto direto com alguns dirigentes do país, que foram outrora também militantes sindicais, as lutas se tornaram cristalizadas, engessadas e institucionalizadas, sem grandes demandas e manifestações sindicais e sociais de rua.

Nossas diferenças no modo de

mobilização e de ação foram se agigantando, abrindo brechas inclusive para que a direita se aproximasse do governo e dos partidos de esquerda. Isso de tal forma que, hoje, as alianças construídas nesse campo dificultam a ação sindical de forma autônoma e independente.

Queremos integrar uma nova central sindical que resgate os valores que a CUT vem abandonando. Ser minoria não significa isolamento e não é um problema, como querem sugerir alguns companheiros. A diversidade e a pluralidade de ideias são fundamentais para que novas relações se instituem no cotidiano das lutas, apostando e fazendo acontecer o novo, que pode modificar a qualidade de nossas vidas.

“Uma cisão se faz necessária para que nossa voz seja ouvida”

MARISTELA CORREA - BANCÁRIA DO BB E DIRETORA DO SINDICATO

Apesar de estar há apenas um ano liberada para atuar no Sindicato, tenho acompanhado e participado dos movimentos sociais desde minha filiação à entidade, em 1985. Antes disso, sempre acompanhei as lutas dos brasileiros pela democracia, moradia, saúde, educação, previdência e outras.

A CUT, por muito tempo, esteve na vanguarda desses movimentos, promovendo passeatas, manifestações de todo o tipo, incentivando-nos sempre a ir à luta. A nossa categoria esteve à frente em várias conquistas: jornada de 6 horas e piso salarial unificado nacionalmente, por exemplo.

Tínhamos confiança em nossos dirigentes que buscavam com afinco junto aos negociadores alcançar o que a base almejava em termos de índice de reajuste, condições de trabalho e saúde.

Como muitos, sonhei ter um país no qual os direitos dos trabalhadores fossem respeitados e sua dignidade preservada, com bons salários e condições



de trabalho. Acreditava que estávamos no passo certo.

Porém, nos últimos anos, o que vimos foi um desmonte de todo o movimento sindical de vanguarda, com a ida de diversos dirigentes para cargos do Executivo, Legislativo e direção de empresas. Os que restaram negociam

com antigos companheiros; com isso já se estabelecem previamente as bases da discussão, nem sempre favoráveis aos trabalhadores. A CUT não pauta, não cobra e nem organiza os trabalhadores para reivindicar as reformas tributária e trabalhista necessárias ao país devido ao seu atrelamento ao Governo Federal.

Continuo sonhando e buscando nossos direitos! Nos últimos anos, insistimos em nossas lutas, não calamos a nossa voz nos congressos, seminários e outros fóruns. Uma cisão se faz necessária para que nossa voz seja mais ouvida, para que juntemos as nossas forças com outros que já assim o fizeram, para formar uma nova central forte e atuante como a gente necessita.

Falso argumento

Desfiliação não retira direitos nem isola sindicatos



Eduardo Navarro, vice-presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe, fala nesta entrevista sobre a experiência dos bancários baianos que decidiram sair da CUT desde 2008. Além da Federação e do Sindicato de Sergipe, optaram pela desfiliação sete sindicatos regionais baianos, incluindo o de Salvador.

Como tem sido a participação dos sindicatos baianos nas campanhas salariais dos bancários a partir da desfiliação da CUT? Houve algum prejuízo?

Não, de forma alguma. Nós, como membros da Executiva Nacional dos Bancários (hoje Comando Nacional dos Bancários), que é um espaço mais amplo do movimento sindical, demos continuidade ao debate na mesa da Fenaban e nas mesas dos bancos públicos.

Após a desfiliação, que ali-

anças foram feitas dentro do Comando para fazer valer os interesses dos trabalhadores bancários?

Ao longo dos últimos anos, nós construímos uma aliança dentro do Comando com o Sindicato dos Bancários do Espírito Santo, os bancários de Santa Catarina, os bancários do Rio de Janeiro, os bancários do Rio Grande do Sul, ou seja, nós conformamos dentro do Comando um espaço de diálogo, de apoio e posicionamento unitário. Esse bloco sempre colocou suas críticas em relação à condução da cor-

rente majoritária da CUT. Isso resultou na continuidade do trabalho, em determinado momento com foco na mesa da Fenaban, mas também exigindo que as mesas dos bancos públicos tivessem seus encaminhamentos.

A desfiliação da CUT levou, em algum momento, os sindicatos e a Federação ao isolamento?

Não. Eu diria que com a tradição da categoria bancária em construir unitariamente a sua campanha nacional, não cabe a discussão sobre isolamento. Os bancários, quando en-

tram na campanha salarial e definem sua participação numa greve, buscam fazer isso nos espaços mais amplos possíveis. O argumento do isolamento, se prevalecer, é apenas na cabeça de alguns.

Os bancários baianos perderam algum direito após a desfiliação da CUT?

Não. A categoria ganha, inclusive, em massa crítica. O que nós temos visto hoje são os bancários participando da luta, em muitos momentos com decisões contrárias à orientação nacional. A categoria tem tido maturidade suficiente para entender que uma coisa é a discussão coletiva e unitária da campanha salarial; outra coisa são os rumos do movimento sindical e as filiações às centrais sindicais.

CONCLAT: futuro é a construção de uma nova central

Nos dias 5 e 6 de junho, vai acontecer em Santos (SP) o Congresso da Classe Trabalhadora (CONCLAT) para criação de uma nova central sindical. Esse debate vem sendo feito desde 2006, quando um grupo de militantes sindicais criou a Intersindical, espaço forma-

do por trabalhadores de diversas categorias, incluindo bancários capixabas e de outros estados, que reafirmam a luta histórica em defesa dos princípios classistas de autonomia e independência na representação dos trabalhadores.

A desfiliação do Sindicato dos

Bancários da CUT é um dos passos que os bancários capixabas devem dar nesse momento de debate sobre a reorganização dos trabalhadores. A maioria da direção do Sindicato dos Bancários/ES defende a desfiliação da CUT e a filiação a uma nova central, pois acreditamos que os tra-

balhadores precisam estar organizados e unidos para fazer suas lutas. Se a categoria aprovar a desfiliação agora, num futuro próximo vamos abrir o debate sobre a filiação a essa nova central que está sendo criada com os compromissos classistas.



EM 2008, NO II ENCONTRO NACIONAL DA INTERSINDICAL (FOTO), FOI APROVADA A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CENTRAL. EM 2009, A DECISÃO FOI REAFIRMADA. O PRÓXIMO PASSO É O CONCLAT, QUE VAI ACONTECER EM JUNHO

Informativo do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo
Rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - 29016-340
Tel: (27) 3331-9999
Colatina (3722-2647), Cachoeiro (3522-7975) e Linhares (3371-0092)

Coordenador Geral: Jessé Gomes de Alvarenga

Diretor de Imprensa: Júlio Passos

Editora: Sueli de Freitas - MTb 537/92

Editoração: Jorge Luiz - MTb 041/96

Impressão: Gráfica Espírito Santo

E.mail: secretariageral@bancarios-es.org.br

Tiragem: 9.000 exemplares

Distribuição gratuita



www.bancarios-es.org.br